

# Compressão lexical: notas sobre um modelo semântico-histórico-construcional para análise de vocábulos derivados

Mailson dos Santos Lopes<sup>a</sup>

## Resumo

*Discorreremos neste artigo sobre a compressão lexical ou micronarrativa, uma via de apreciação analítica para o conteúdo de vocábulos derivados, integrada ao marco teórico da Gramática das Construções. Nesse modelo, há uma percepção dos derivados como cápsulas de conteúdo semântico-lexical comprimido; assim, e.g., numa palavra como *doleira*, encontrar-se-ia comprimido um complexo de informações que, distendido, seria algo como '(i) pequena bolsa presa à frente, geralmente com um único compartimento, usada sob as roupas – especialmente por turistas –, como precaução contra roubo ou furto de cédulas (dólares, euros etc.), cartões, passaportes ou outros bens imprescindíveis em uma viagem ou deslocamento; (ii) mulher que negocia dólares norte-americanos no mercado paralelo'. Trata-se de uma proposta de análise oriunda de releituras e adaptações ao léxico das lições de Turner (1996) sobre a mente literária, inicialmente aplicada por Botelho (2004), Santos (2005) e Carmo (2005) à descrição de produtos sufixados do português contemporâneo. Baseando-se em tais trabalhos, Lopes (2016a, 2016b) fez, por primeira vez, a aplicação do supramencionado modelo teórico para o deslindamento histórico-diacrônico da semântica de vocábulos prefixados – num intercruzamento entre Etimologia, Morfologia Histórica e Gramática das Construções –, ao que seguiram alguns outros estudos (SIMÕES NETO, 2016; SOLEDADE; SIMÕES NETO; LOPES, 2017; LOPES, 2018), com aplicações e contribuições mais aperfeiçoadas. Baseando-nos em revisitações a esses e a outros trabalhos, delinearemos os principais tópicos caracterizadores da compressão lexical, apresentando algumas mostras de sua aplicação a estruturas linguísticas em sua trajetória diacrônica do latim ao português arcaico e moderno.*

**Palavras-chave:** Semântica morfolexical. Derivação. Gramática das Construções. Compressão lexical.

Recebido em: 29/02/2020

Aceito em: 01/05/2020

<sup>a</sup> Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. Contato: mailson.lopes@ufba.br.

## Introdução

Uma das questões mais complexas no âmbito dos estudos históricos sobre o léxico de uma língua é a perquirição sistemática e o ulterior estabelecimento (o mais preciso possível) dos sentidos veiculados por vocábulos e seus constituintes mórficos em sincronias recuadas (LOPES, 2018) e, associado a isso, a compreensão atilada da variação e a mudança semânticas em que, diacronicamente, tais elementos se mostram imbricados.

Para lidar com tamanha complexidade, há de se convir que uma simbiose entre o labor etimológico, a Morfologia Histórica, a Semântica Histórica, os estudos funcionalistas e as lições de variados campos da Linguística Cognitiva pode ser um instrumento proveitoso para um entendimento cada vez mais avançado da configuração, variabilidade e mutação no significado de elementos morfolexicais e dos vocábulos que os portam no devir histórico constitutivo da língua. No esteio do pensamento de Mattos e Silva (2008), somos de parecer que uma profícua heterogeneidade teórico-metodológica – em nada confundível com um frívolo e impressionista ecletismo teórico ou um caos epistemológico – tenderia a propiciar uma melhor interpretação dos fatos linguísticos do passado, de sua circulação e de seu trânsito ao presente.

Subsidiados por tais fundamentos epistemológicos, discorreremos neste artigo sobre uma possível via de apreciação analítica para o conteúdo de vocábulos derivados, integrada ao marco teórico da Gramática das Construções e também de algum modo captadora das contribuições de outros meandros teóricos do arquipélago da Linguística Cognitiva e das correntes funcionalistas: a *compressão lexical* ou *micronarrativa*.

Nesse modelo, os derivados são entendidos como complexos resultantes de uma compressão de conteúdo semântico, lexical e cultural. É o que podemos constatar, por exemplo, na palavra *barbeiro*: da simples adjunção do sufixo *-eiro* à base lexical *barba*, temos como resultado um amplo rol de sentidos, que, para a sua devida compreensão, demandam muito mais do que a somatória dos significados dos segmentos mórficos do derivado. Tanto em sua acepção mais geral (‘indivíduo cujo ofício é rapar ou aparar barbas e

cortar cabelos'), quanto em suas acepções mais específicas (como a de 'aquele que é mau motorista'), podemos perceber que o sobredito vocábulo sufixado apresenta-se como uma cápsula de significados comprimidos. Em outros termos, como a constrição/síntese de narrativas semânticas em um único elemento lexical.

A análise de derivados como compressões semântico-lexicais deixa-se já entrever nos estudos de Botelho (2004, 2009), Santos (2005, 2009) e Carmo (2005, 2009), autoras que se dedicaram à descrição de produtos sufixados na língua portuguesa contemporânea. A fonte inicial, porém, de tais considerações sobre a compressão de significados, parece ter sido a reflexão de Turner (2016) sobre a mente literária.

Lopes (2016a, 2016b), baseando-se nesses autores, aventurou-se, por sua vez, na aplicação de tal modelo teórico à descrição dos sentidos de palavras prefixadas no fluxo temporal constitutivo do vernáculo, desde o latim, passando pelo período arcaico e desembocando na sua feição moderno-contemporânea. Ao que parece, com esse par de trabalhos, deu-se pela primeira vez a aplicação do modelo de compressão lexical ou micronarrativa ao deslindamento histórico-diacrônico da semântica de vocábulos afixados, numa interessante intersecção entre Gramática das Construções, Morfologia Histórica e Etimologia. Outras aplicações se seguiram, mais avançadas e aperfeiçoadas, como as que podem ser vistas nos estudos de Simões Neto (2016), Soledade, Simões Neto e Lopes (2017) e Lopes (2018).

Nas seções seguintes, buscaremos sumarizar os aspectos fundamentais da Gramática das Construções, marco a que se circunscreve o modelo analítico das micronarrativas ou da compressão lexical, cujo início é bastante recente e cujo desenvolvimento é indiscutivelmente discreto e modesto. Por meio de diálogos com os trabalhos mencionados, repassaremos as principais características do modelo teórico em questão e de sua validade e pertinência para estudos semântico-morfolexicais, sejam os voltados para dados e fenômenos do presente, sejam os voltados para estruturas e operações processadas em períodos temporalmente recuados da língua. Associado a isso, apresentaremos algumas mostras de aplicação do modelo de análise a vocábulos formados via

prefixação e sufixação em sua trajetória diacrônica do latim ao português arcaico e moderno, o que constituirá o núcleo deste artigo e de seu escopo.

### Da Gramática das Construções

Segundo Pinheiro e Alonso (2018), o paradigma teórico da Gramática das Construções (com todas as suas ramificações posteriores) parece ter como marco zero a confluência da publicação, em 1988, da teoria construcionista de orientação formalista, de Fillmore (1988), da abordagem construcional baseada no uso, de Langacker (1988), e do estudo de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), sobre expressões idiomáticas do inglês, enfatizando as relações entre construções de natureza idiomática e de natureza geral (GRAS, 2010).

Das propostas da Gramática das Construções, como a de Goldberg (1995), em razão do caráter abarcador desse marco teórico, de seus conceitos-chave e de seu *modus operandi*, foi possível deslizar de uma apreciação da sintaxe a uma apreciação do léxico, englobando também fenômenos sintático-lexicais, lexicais ou morfolexicais, como, por exemplo, as unidades fraseológicas (DOBROVOL'SKIJ, 2016) ou derivados sufixados (BOTELHO, 2004; CARMO, 2005; SANTOS, 2005).

A partir dos textos fundadores, o paradigma teórico da Gramática das Construções esprou-se pelos mais variados campos de análise linguística, desde a morfologia, a gramaticalização e a gramática contrastiva, passando pela linguística textual e computacional, até chegar ao âmbito da aquisição de língua materna e de língua estrangeira (GRAS, 2010).

A Gramática das Construções, aparentada com a Gramática Cognitiva, segundo Cuenca e Hilferty (1999), caracteriza-se como um grande guarda-chuva teórico dentro do arquipélago epistemológico da Linguística Cognitiva, compreendendo diferentes subdomínios, com particularidades conceituais, terminológicas e analíticas, mas conectadas entre si por um eixo comum: a concepção da gramática como uma rede de unidades simbólicas gerais e idiomáticas, de variados níveis de abstração (DOBROVOL'SKIJ, 2016), ligadas por laços de prototipia (CUENCA; HILFERTY, 1999), as denominadas *construções gramaticais* ou simplesmente *construções*, tidas como

associações convencionalizadas e simbióticas (frequentemente não composicionais) de correspondência entre unidades formais (morfemas, palavras, locuções, unidades fraseológicas, estruturas sintagmáticas, padrões frasais abstratos etc.) e conteúdo (informações semânticas, pragmáticas e discursivas) (GOLDBERG, 2006).

Tais construções seriam organizadas radial e hierarquicamente (e relacionadas entre si como redes, por laços de herança: históricos, polissêmicos, metafóricos ou metonímicos), sensíveis a efeitos cognitivos (perspectivização ou ajuste focal, metáfora, metonímia etc.) e instanciados individualmente, ou seja, tendo uma leitura semântico-formal gerada no interior de uma realidade sócio-histórica, linguística e culturalmente marcada.

Para exemplificação da variação na complexidade, extensão e alcance das construções gramaticais, englobando desde as mais atômicas até as mais complexas e desde as mais genéricas até as mais específicas, seguem dois exemplários: o primeiro, retirado de Goldberg (2006, p. 5); o segundo, de nossa pena, nos quais, a cada construção lhe acompanham alguns *constructos* (i.e., instanciações linguísticas concretas) correspondentes:

**Figura 1.** Exemplário de construções, variando em tamanho e complexidade.

TABLE 1.1. Examples of constructions, varying in size and complexity

Morpheme	e.g. <i>pre-</i> , <i>-ing</i>
Word	e.g. <i>avocado</i> , <i>anaconda</i> , <i>and</i>
Complex word	e.g. <i>daredevil</i> , <i>shoo-in</i>
Complex word (partially filled)	e.g. [N-s] (for regular plurals)
Idiom (filled)	e.g. <i>going great guns</i> , <i>give the Devil his due</i>
Idiom (partially filled)	e.g. <i>jog &lt;someone's&gt; memory</i> , <i>send &lt;someone&gt; to the cleaners</i>
Covariational Conditional	The Xer the Yer (e.g. <i>the more you think about it, the less you understand</i> )
Ditransitive (double object)	Subj V Obj <sub>1</sub> Obj <sub>2</sub> (e.g. <i>he gave her a fish taco</i> ; <i>he baked her a muffin</i> )
Passive	Subj aux V <sub>PPP</sub> (PP <sub>by</sub> ) (e.g. <i>the armadillo was hit by a car</i> )

Fonte: Goldberg (2006, p. 5).

**Figura 2.** Exemplário de construções, de variada extensão e complexidade.

- (i)  $[[X]_N -s]_N \leftrightarrow [\text{pluralidade de } [X]_N]_N$ : *folhas, teclados, montes, antipatias, lusco-fuscos.*
- (ii)  $[\text{arqui- } [X]_N]_N \leftrightarrow [\text{posição hierárquica superior a } [X]_N]_N$ : *arquibade, arquichanceler, arquichantre, arquidiocese, arquiduque.*
- (iii)  $[[X]_N \text{ fantasma}]_N \leftrightarrow [[X]_N \text{ fictício, utilizado para iludir}]_N$ : *cidade-fantasma, eleitor-fantasma, conta-fantasma.*
- (iv)  $[[X]_N \text{ a } [X]_N]_N \leftrightarrow [\text{proximidade física ou nocional entre } [X]_N]_N$ : *boca a boca, cara a cara, face a face, lado a lado, ombro a ombro, rosto a rosto.*
- (v)  $[\text{feito um(a) } [X]_N]_N \leftrightarrow [\text{semelhantemente a um } [X]_N]_N$ : *feito um doido, feito uma maluca, feito uma criança, feito um lerdo, feito um doente, feito um adolescente, feito um velho.*
- (vi)  $[\text{vê se não me } [X]_V \text{ esse(a)(s) } [Y]_S]_S \leftrightarrow [\text{advertência para não } [X]_V \text{ } [Y]_S]_S$ : *vê se não me suja essa roupa, vê se não me estraga esse sapato, vê se não me esquece esse recado, vê se não me perde esse cartão.*
- (vii)  $[\text{Igreja } [X]_A \text{ (do/da) } [Y]_S \text{ de Deus}]_N \leftrightarrow [\text{denominação protestante neopentecostalista}]_N$ : *Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Global da Fé em Deus, Igreja Pentecostal Trombeta de Deus, Igreja Pentecostal Alarido de Deus.*

Fonte: Elaboração própria.

Podemos admitir que todas as construções elencadas (derivados, compostos, locuções, expressões idiomáticas, estruturas lexicais ou sintagmáticas complexas etc.), não obstante as suas diferenças estruturais ou semânticas, assemelham-se entre si pela sua emergência através do uso e da recorrência, pela sua localização no fluído ambívio léxico-gramática (DOBROVOL'SKIJ, 2016), pela sua estruturação – hierárquica e pautada em padrões de herança (GONÇALVES, 2016) – em torno de um constructo prototípico do qual se espriam os demais exemplares, pelo grau de relativa cristalização/fixação que possuem, pela possibilidade de incorporarem em seu seio novos representantes e, sobretudo, pela associação amalgâmica que estabelecem entre materialização formal (dimensões física

e morfossintática do significante) e sua respectiva contraparte semântica (dimensões conceptual e discursiva), como aponta Salomão (2009).

Elencadas as propriedades das construções e de seus esquemas, cabe-nos também sinalizar uma característica que as fazem ainda mais interessantes: não têm elas apenas uma função retrospectiva, servindo meramente como padrões analíticos metalinguísticos, mas também uma função analítica prospectiva, visto que comumente atuam como base para a criação de novos constructos, por meio de intervenções analógicas, que pressupõem a conjunção entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico. Em outras palavras, a compreensão das formações como oriundas de esquemas construcionais e neles imersos consegue explicar, simultaneamente, o arcabouço morfolexical existente e as possibilidades e probabilidades do advento de inovações.

Pelo fato de as construções e os seus esquemas licenciarem certo grau de retrospectividade e, ao mesmo tempo, de antevidência, encapsulando (via generalização e abstração) agrupamentos de conceitos armazenados na memória (GONÇALVES; VIALLI, 2017), conseqüentemente fomentam a economia mnemônica, reduzindo “[...] a demanda de memória para armazenamento do léxico, uma vez que [...] minimizam o grau de arbitrariedade no conjunto de correspondências entre forma e significado especificado no léxico.” (SOLEDADE, 2013, p. 86).

Como podemos constatar pelos exemplos anteriormente expostos, uma das vantagens da Gramática das Construções é possibilitar, com base em seu aparato teórico e epistemológico, uma abordagem analítica proveitosa de estruturas linguísticas dos mais diversificados tipos e alcances, o que é uma característica formidável para a análise linguística. Como o nosso foco é a apreciação da morfologia e do léxico sob o prisma desse modelo teórico-analítico, apresentaremos na seção seguinte uma das possíveis aplicações das lições da Gramática das Construções à estruturação do arcabouço vocabular, nomeadamente a operações morfológicas derivativas (sufixação e, sobretudo, prefixação).

## Da Gramática das Construções à compressão lexical: uma apreciação sociocognitiva e construcional de vocábulos derivados

Como exemplo de aplicações da Gramática das Construções à formação de palavras, ater-nos-emos primeiramente nos estudos de Botelho (2009, 2004), Carmo (2009, 2005) e Santos (2009, 2005), caracterizados por uma abordagem sociocognitiva das construções, numa consideração de sua arquitetura com base nos fenômenos da polissemia, metáfora, construção e mesclagem (BOTELHO, 2009). Debruçadas, respectivamente, sobre as construções *X-eiro*, *X-ista* e *X-nte*, almejaram rastrear a teia multissêmica radial de tais formações, até mesmo as mais irregulares, tidas como nada menos que projeções (metafóricas, sobretudo) de sentidos mais prototípicos (BOTELHO, 2009).

De acordo com Salomão (1997), a hipótese sociocognitiva da linguagem é uma moldura teórica arrimada em dois postulados interarticulados: (i) o princípio da escassez da forma linguística (o significante não encerra o conteúdo semântico, mas orienta a sua apreensão), que traz como consequência a percepção do significado como uma construção cognitiva gerada na interação social; (ii) o princípio do dinamismo da determinação contextual, que implica numa visão do processo da construção conceptual com base no contexto, visto como uma dimensão socialmente constituída, pela interação dialógica e por negociações de sentido (AVILA, 2010). Em suma, seria possível afirmar que a sobredita hipótese se apoia na tríade cognição, interação e gramática (AVILA, 2010) e que compreende a significação (ou a sua interpretação) como ato concomitantemente cognitivo e social (SALOMÃO, 1997).

De todas as contribuições relevantes dos estudos sociocognitivistas e dos estudos da Gramática das Construções que consultamos, a que desejamos destacar — tanto por seu caráter inovador quanto por sua aplicabilidade sincrônica ou diacrônica a derivados — é o entendimento das construções como *micronarrativas* ou *historinhas* (BOTELHO, 2009), algo que parece ter sido tomado inicialmente de Turner (1996).



Convém reproduzir o que Botelho (2004, p. 24-25) explicita sobre essa filiação, expondo as assunções de Turner (1996):

Assumindo as teses cognitivistas de que o processamento da linguagem está intimamente relacionado com a nossa experiência no mundo e nosso conhecimento de *narrativas* (*proto-narrativas*), o autor postula que a mente lingüística é uma conseqüência e uma subcategoria da mente literária. O autor defende que a parábola, como processo cognitivo básico, está na origem da linguagem. [...] Quando dizemos, por exemplo, 'Maria jogou a pedra pela janela', por trás da estrutura gramatical, há uma estrutura de narrativa básica na qual se inclui agente, paciente, ação, objeto e direção e também uma estrutura gramatical abstrata que inclui sintagmas como os nominais, verbais, preposicionais... Portanto, a primeira estrutura abstrata de um enunciado é *narrativa* e *conceptual* e apenas a segunda estrutura abstrata é *gramatical*, mas ambas partilham de uma mesma estrutura genérica. Turner assume, assim, uma abordagem construcional, postulando a integração entre estruturas narrativas e estruturas gramaticais, como origem das construções lingüísticas. A imaginação narrativa, assim como a estrutura gramatical, combinam finitos elementos, produzindo infinitas possibilidades de construções [...]. Assim, as sentenças são histórias, ou seja, são pequenas cenas em que se operam projeções integradoras. [Grifos no original].

Turner (1996), ao propor a estruturação da mente em termos literários, parece ser quem fornece as primeiras pistas sistemáticas sobre a compressão de narrativas mais extensas em outras mais breves e mais substantivas, por meio de procedimentos parabólicos, ou seja, projeções de uma história sobre outra. Obviamente, tais sumarizações se dão na mente, mas, para serem compartilhadas, faz-se necessário um recurso ao repositório lingüístico, com o uso de unidades sintático-léxico-textual-discursivas mais reduzidas e mais densas, como fábulas, parábolas, adágios etc.

Assim, por exemplo, na compacta expressão corrente de teor geral *É tempo de vacas magras*, além de uma remissão histórica (percebida ou não pelos falantes) a uma extensa narrativa bíblica, a dos sonhos do faraó, interpretados por José do Egito (*Gênesis*, XLI) — o que configura uma espécie de projeção parabólica retrospectiva —, há a compressão (com uma projeção parabólica de teor prospectivo) de uma narrativa

específica e implicitamente conhecida pelos interlocutores (p. ex., NARRATIVA 1: *A empresa está passando por sérias dificuldades financeiras, causadas pela recessão e pelo descenso de uma clientela regular. A receita tem caído a cada mês, daí essa situação terrível de cortes em algumas benesses que recebíamos, como a participação em 6% dos lucros.* → Logo, NARRATIVA 2: *É tempo de vacas magras.*).

*Mutatis mutandis*, o mesmo ocorreria com cenas comprimidas em constructos morfológicamente complexos, como ‘que ou o que obteve o segundo lugar num campeonato’ → *vice-campeão*. Em ambas as situações, os interlocutores, para fazerem referência à situação, não precisam fazer uso da narrativa primeira, mais extensa, mas apenas de sua condensação na narrativa segunda, o que funciona com absoluto êxito. Os seguintes excertos de Turner (1996, p. 5) parecem corroborar essa nossa leitura:

One special kind of literature, parable, conveniently combines story and projection. Parable serves as a laboratory where great things are condensed in a small space. To understand parable is to understand root capacities of the everyday mind, and conversely.

Parable begins with narrative imagining: the understanding of a complex of objects, events, and actors as organized by our knowledge of *story*. In then combines story with projection: one story is projected onto another. The essence of parable is its intricate combining of two of our basic forms of knowledge: story and projection. This classic combination produces one of our keenest mental processes for constructing meaning. [Grifo no original]<sup>1</sup>

Botelho (2004, 2009) e Carmo (2005), em certas partes de seus estudos, utilizam indistintamente os termos *pronarrativas*, *micronarrativas*, *micro-histórias* ou *historinhas*, referindo-se, e.g., a EVENTOS SÃO AÇÕES, ATORES SÃO MANIPULADORES OU AGENTE-AÇÃO-OBJETO, ou seja, cenas cognitivas gerais que licenciariam o surgimento de instanciações específicas como *sanfoneiro* ou *peixeiro*, tidas como compressões de “historinhas experienciais” mais pontuais (‘aquele que toca sanfona’, ‘aquele que vende peixe’); noutras palavras, a compressão (numa construção) de uma cena mais específica que carrega em si traços da compressão mais geral irradiada pela construção de nó superior.

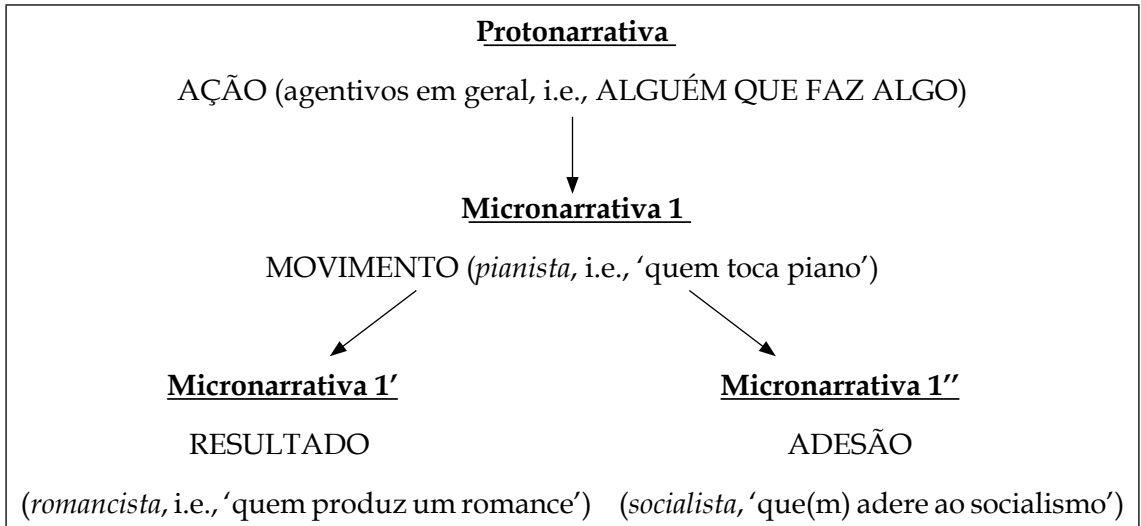
<sup>1</sup> “Um tipo especial de literatura, a parábola, combina de maneira conveniente história e projeção. A parábola serve como um laboratório, onde grandes coisas são condensadas em um pequeno espaço. Compreender a parábola é entender as capacidades das raízes da mente cotidiana e vice-versa. A parábola começa com a imaginação narrativa: a compreensão de um complexo de objetos, eventos e atores, organizados pelo nosso conhecimento da história. Em seguida, combina história com projeção: uma história é projetada em outra. A essência da parábola é a combinação intrincada de duas das nossas formas básicas de conhecimento: história e projeção. Essa combinação clássica produz um dos nossos mais profundos processos mentais para a construção de significado.” (Tradução nossa)

Pensamos, todavia, ser mais didático adotar uma divisão entre, de um lado, protonarrativas e, de outro, micronarrativas (ou micro-histórias ou historinhas). Às primeiras corresponderiam cenas cognitivas gerais, como as apresentadas em caixa-alta no parágrafo precedente; já às últimas corresponderiam as instanciações específicas. Exemplificando, com base no derivado *fumante*, analisado por Santos (2009), poderíamos detectar uma protonarrativa, a de AÇÃO (ou seja, ALGUÉM FAZ ALGO), que gera, sustenta e baseia uma instanciação pontual, interpretada por uma micronarrativa, focada e comprimida em seu agente (BOTELHO, 2004, 2009; SANTOS, 2009) a de ‘aquele que fuma algo (cigarro, charuto)’. Cada derivado seria, portanto, uma condensação léxica de uma micronarrativa (e, por conseguinte, um espécime metonímico<sup>2</sup>), e a sua paráfrase, uma espécie de decodificação sintática (ou descompressão analítica) da própria micronarrativa, irradiada da protonarrativa, sempre mais geral e dominante. Dessa maneira, a interpretação de construções morfolexicais derivadas estabelecer-se-ia num jogo de análise e síntese, indo (ou voltando) de compressões a descompressões, de produtos lexicais complexos a cenas imagético-conceptuais estocadas na memória e compartilhadas socialmente por meio de práticas discursivas.

O objetivo último do submodelo de compressão léxica ou micronarrativas seria o desenho da rede polissêmica das construções consideradas, desde a mais central e prototípica até as mais específicas e periféricas. Da rede delineada por Carmo (2009) para as construções *X-ista*, adaptando-a às reformulações propostas (da diferenciação entre proto e micronarrativas e, conseqüentemente, entre construções primigênicas e construções dependentes), poderíamos cogitar que se estruturaria nos seguintes moldes, pautados numa hierarquia semântico-funcional (os exemplos também são do estudo de CARMO (2009)):

<sup>2</sup> Sob certo prisma, todo e qualquer derivado alude metonimicamente à cena evocada (SANTOS, 2005), comprimindo/sintetizando em si uma totalidade, a micronarrativa que semântica e discursivamente reverbera.

**Figura 3.** Rede construcional de X-ista.



**Fonte:** Elaboração própria, com base em dados fornecidos por Carmo (2009, p. 219).

Na verdade, mais que uma divisão entre protonarrativas e micronarrativas, parece ser mais adequado ainda propor um esquema tétrede, com a inclusão de duas outras categorias intermediárias entre os polos proto e micronarrativa, que seriam a *mesonarrativa* e a *narrativa*.

A inspiração para tal esquema hipotético adveio após uma observação conjugada entre as formalizações das redes construcionais expostas em Botelho (2009), Carmo (2009) e Santos (2009) e a proposta tetrafatorial de Traugott (2008) referente aos estágios de análise construcional: (i) *macro-constructions*: pareamentos abstratos de forma e função, como perífrases verbais ou construções partitivas; (ii) *meso-constructions*: conjuntos de construções específicas de comportamento similar; (iii) *micro-constructions*: construção *type* individual; (iv) *constructs*: os *tokens* empiricamente atestados, que são o *locus* da mudança linguística.

Trata-se de uma conjunção da escala da hierarquia das construções, feita por Traugott (2008), à nossa ideia de hierarquia do que está subjacente às construções: o conjunto de procedimentos narrativos cognitivo-imagéticos. Não ousamos defender uma correspondência exata entre ambas as propostas, mas uma tentativa de aproximação entre os dois pólos conceituais e terminológicos: de um lado, *mutatis*

*mutandis*, as protonarrativas, mesonarrativas, narrativas e micronarrativas e, de outro, as compressões léxicas, identificáveis com as macroconstruções, mesoconstruções, microconstruções e constructos de Traugott (2008). Exemplifiquemos com um esboço visual de tal correspondência entre as duas instâncias hierárquicas, que favoreceriam, ao que parece, a captação de relações de herança, de prototipia e de generalização/especificação:

**Figura 4.** Esboço de um esquema hierárquico correlacional entre construções e narrativas imagético-cognitivas.

<p><b>Macroconstrução</b> agentividade, construções agentivas (<i>nomen agentis</i>)</p>	<p><b>Protonarrativa</b> EVENTO, i.e., X FAZER Y</p>
<p><b>Mesoconstruções</b></p> <p>[X-eiro], [X-(d/t/s)or], [X-nte], [X-ista], [X-ão] etc.<sup>3</sup></p>	<p><b>Mesonarrativas</b></p> <p>ALGUÉM FAZ X, ALGUÉM MANIPULA X, ALGO FAZ X, ALGO CONTÉM X etc.</p>
<p><b>Microconstruções</b></p> <p>(I) [X-eiro], [X-ista] (II) [X-(d/t/s)or], [X-ão], [X-nte] (III) [X-nte] (IV) [X-eiro]<sup>4</sup></p>	<p><b>Narrativas</b></p> <p>(i) agente humano toca X (ii) agente humano faz X (iii) agente não humano faz X (iv) agente não humano contém X</p>
<p><b>Constructos</b></p> <p>(I') <i>gaiteiro, rabequeiro, flautista</i> (II') <i>avaliador, guardião, estudante</i> (III') <i>desengordurante, amaciante</i> (IV') <i>paliteiro, faqueiro</i></p>	<p><b>Micronarrativas</b></p> <p>(i') indivíduo que toca gaita, indivíduo que toca rabeça, indivíduo que toca flauta (ii') indivíduo que avalia, indivíduo que guarda, indivíduo que estuda (iii') produto que desengordura, produto que amacia (iv') recipiente que contém palitos, recipiente que contém facas</p>

**Fonte:** Elaboração própria.

<sup>3</sup> Tomadas, como se vê, como conjunto.

<sup>4</sup> Tomadas, por sua vez, individualmente.

Pelo quadro anterior, fica patente o caráter radial das construções, delineadas graças às relações hierárquicas de herança entre os nós superiores, prototípicos, começando do que se atrela à protonarrativa, até os inferiores, mais específicos, projetados a partir dos primeiros mediante fluxos metafóricos ou metonímicos. Não é difícil também compreender o papel fulcral de esquemas imagéticos, *frames*, espaços mentais e mesclagens (além da metáfora, da metonímia e dos ajustes focais ou perspectivização) para a irradiação multidirecional e multissêmica das construções, por meio da frequência, do uso. Fica claro também que tais gerações hierárquicas podem dar margem a uma apreciação histórico-diacrônica das redes de construções, visto que não raro as diversas projeções do protótipo para os nós que lhe são subjacentes não se dão de forma simultânea, mas sim, sucessiva, implicando, portanto, etapas e, por conseguinte, fluxos temporais, passíveis de ser mapeados por um olhar histórico-diacrônico.

Fundamentando-se no modelo analítico morfológico-sociocognitivo formulado e aplicado por Botelho (2009), Carmo (2009) e Santos (2009), Lopes (2016a, p. 244) delinea breves análises sincrônicas de compressões léxicas ou micronarrativas incidentes em derivados prefixais, como as do trecho a seguir:

[...] em *arquiabade* comprime-se uma informação que, distendida, seria algo como 'abade de categoria hierárquica superior'; em *desestressar*, há a compressão de uma informação que, estendida, seria algo parafraseável em 'acabar com o estresse ou minorá-lo'.

De ligeiras abordagens sincrônicas, o mesmo autor (LOPES, 2016b, p. 18) chega a estabelecer algumas análises histórico-diacrônicas, pautadas nos mesmos princípios:

Algumas formações derivadas se destacam pela força dessa capacidade de compressão semântica. [...] uma simples palavra, formada por um item prefixal associado a uma base léxica, compacta em si uma espécie de micronarrativa, que é mais completa e específica que a paráfrase em geral apontada para a dita formação. Ao se verificar a etimologia e o percurso diacrônico do verbo *concordar*, constata-se que é fruto de um processo parassintético *lato sensu* (*cum-* + *-cord(is)-* + vogal temática verbal + morfemas flexivos verbais), apresentando o significado de 'pôr-se ou estar de acordo'. Esse significado

mais geral e mais abstrato parece originar-se, metonímica ou metaforicamente, da micronarrativa original (etimológica) que a formação parece ter contido: ‘ter o coração com o outro; estar com o coração lado a lado do outro; pôr o coração próximo ao do outro’. *Mutatis mutandis*, o mesmo pode ser dito do substantivo *companhia* (*cum-* + *-panis*), que hoje tem o sentido geral de ‘presença de um ou mais seres ou coisas junto de outros; convivência’, mas que se originou de uma micronarrativa em termos mais concretos e específicos: ‘comer o pão com o outro; comer o pão junto ao outro’. Esses movimentos que partem de uma concretude específica para uma abstratização generalizante são recorrentes nas derivações prefixais.

Ainda com base em Lopes (2016a), podemos trazer outros exemplos que ilustram a atuação das compressões semânticas no fluxo diacrônico da constituição do léxico português. Em *derrubar*, temos um derivado que possui tanto a base quanto o prefixo opacos e que significa hodiernamente ‘deixar cair ou fazer cair’, mas cuja etimologia (< latim medieval lusitano *diripāre*, de *de-* + *-rip(a)-* (‘ribanceira, margens’) + *-āre*) dá margem à detecção de uma micronarrativa com o valor concreto (experencial) e específico de ‘lançar ribanceira abaixo’. Podemos considerar, assim, que a motivação semântica de certas instanciações é gerada em contextos de concretude, engendrados mediante a experiência corpórea, podendo, em estágios ulteriores, mediante extensões metafóricas e/ou metonímicas, assumir sentidos de caráter mais geral (SIMÕES NETO, 2016).

Esses e outros exemplos analisados por Lopes (2016a) propiciam a compreensão do fluxo que geralmente incide sobre a polissemia dos formantes e das vozes derivadas que geram: de uma micronarrativa inicial (em geral, uma compressão de significado/cena dotada de concretude, especificidade e *primitividade/arcaizamento*, i.e., caráter etimologizante) passa-se, parabolicamente, a paráfrases, ou seja, novas micronarrativas, que, de certa forma, remodelam e reconfiguram a inicial, dotando-a de maior abstratização, amplitude e inovação.

Cabe dizer que, além de aplicações do modelo de micronarrativas ou compressão lexical a vocábulos prefixados, há também as que são atinentes à sufixação, como a da pena de Simões Neto (2016), que, baseando-se em Lopes (2016a), foi além, visto que logrou coadunar em algumas de suas análises

a pista etimológica a aspectos socioculturais e sociocognitivos. Seguem alguns exemplos de produtos sufixados do galego-português analisados pelo mencionado morfólogo:

Há, no caso de *çaquiteiro*, a designação do entregador de pão com base no continente (*saquito*). Isso decorre da experiência diária de colocar o pão no saco e é essa cena que está comprimida no processo de formação dessa palavra. Por outro lado, em *chameira*, a designação da mulher que leva o pão ao forno, baseia-se na *chama* contida no forno, focando-se no conteúdo, não no continente. (SIMÕES NETO, 2016, p. 209-210).

A cena comprimida pela forma derivada *céeyro* (PA065) já está quase que completamente explicitada pelo significado atestado: ‘trabalhador que tinha como pagamento cear na casa do patrão’. Uma metonímia do tipo PRODUTO/PROCESSO talvez seja possível de captar essa cena, pois, na formação, foca-se no que o trabalhador recebe como pagamento e não exatamente no que ele faz ou na forma como ele atua ou ainda no local onde atua. (SIMÕES NETO, 2016, p. 210-211).

As contribuições do estudo de Simões Neto (2016) ao modelo analítico sociocognitivo de compressão léxica ou micronarrativas servem ao aperfeiçoamento de seus postulados e de seu modo de análise, não só por lançar clarões à possibilidade de união entre as duas pontas do novelo — a apreciação sociocognitiva e a apreciação etimológica —, mas também por conseguir chegar à apreensão de padrões gerais de focalização por meio de um conjunto paradigmático de vocábulos analisados, como o fez com as construções agentivas latinas em *-ārĩus*, para as quais detectou ser recorrente na estruturação de suas respectivas compressões léxicas a ênfase sobre o local onde se pratica a ação (*mensārĩus*, ‘banqueiro, cambista’), sobre o produto da ação (*aquārĩus*, ‘aguadeiro, escravo que vai à água’) ou sobre o recipiente que contém o objeto envolvido na ação (*quasillārĩa*, ‘fiandeira’).

Como derradeira amostra empírica, em razão de sua importância, trazemos dois dos vários vocábulos afixados que Soledade, Simões Neto e Lopes (2017), em um estudo ainda inédito, analisaram, fazendo avançar o método de detecção das compressões e projeções semânticas atuantes nos derivados no devir histórico da língua:



**Figura 5.** Micronarrativas primevas em produtos derivados por prefixação e sufixação no galego-português, com suas respectivas projeções metaftônicas.

<i>constranger</i>	
<b>ETIMOLOGIA</b> Micronarrativa primeva	Do latim <i>constrĭngĕre</i> ( <i>cum-</i> + <i>-stringĕre</i> ), ‘ligar estreitamente com, apertar, ligar; acorrentar, reprimir, conter’
<b>PARÁFRASE</b> Micronarrativa projetada	‘forçar, obrigar por força, coagir’
<b>PROJEÇÕES</b> Metafóricas e/ou metonímicas	Dos sentidos primitivos e [+ concreto] e [+ específico] de ‘ligar estreitamente com, apertar, ligar; acorrentar, reprimir, conter’, no latim, praticamente correspondendo à somatória dos sentidos de <i>com-</i> (‘companhia, contiguidade’) e de <i>stringĕre</i> , ‘apertar, estreitar, unir, comprimir; restringir’, através de projeções metafóricas (ATAR/LIGAR ESTREITAMENTE COM ALGO É TOLHER A LIBERDADE), surge ainda no latim tardio o sentido [+ abstrato] e [+ geral] de ‘coagir, forçar’. Além disso, do sentido primevo, prototípico, e [+ concreto] de ‘apertar com, ligar com, acorrentar’ origina-se no vernáculo – ao que parece não no período arcaico, mas apenas no moderno –, o sentido de ‘tornar ou ficar embaraçado/envergonhado’, provavelmente através de uma projeção metafórica (ATAR FISICAMENTE COM ALGO É CAUSAR EMBARAÇO), bem como o sentido de ‘incomodar-se, fazer perder ou perder o bom humor’, mediante a projeção metonímica ou metaftônica (ESTAR LIGADO ESTREITAMENTE COM ALGO → SENTIR INCÔMODO), em que se toma a ação (ESTAR ATADO) pelo seu resultado (SENTIR-SE INCOMODADO).
<i>chufador</i>	
<b>ETIMOLOGIA</b> Micronarrativa primeva	Do galego-português <i>chufar</i> + <i>-dor</i> < latim vulgar <i>sulfilare</i> < latim clássico <i>sibilare</i> , ‘produzir sibilo’; ‘assobiar’; ‘apupar, vaiar’
<b>PARÁFRASE</b> Micronarrativa projetada	‘aquele que mente, que faz embustes’
<b>PROJEÇÕES</b> Metafóricas e/ou metonímicas	A projeção metafórica parte do domínio concreto – através do sentido da base verbal <i>sibilare</i> , ‘assoviar’, ‘vaiar’ – para um domínio mais abstrato na forma derivada agentiva <i>chufador</i> , ‘mentiroso, embusteiro’, que passa a designar um comportamento moralmente repreensível (VAIAR É CAUSAR CHACOTA > CAUSAR CHACOTA É MENTIR OU ENGANAR).  Outra análise também pode ser proposta: a associação entre silvar e as serpentes e, daí, AQUELE QUE SILVA É EMBUSTEIRO, já que as serpentes silvam e também dão bote. Como se trata de uma derivação medieval, a noção de ‘mentiroso’ pode também ter sido favorecida pelo contexto religioso da época, que, bebendo do Antigo Testamento, muitas vezes conceptualizava o demônio – tido como o <i>Pai da mentira</i> para o Cristianismo – como serpente.

**Fonte:** Soledade, Simões Neto e Lopes (2017).

Entre as aplicações realizadas até o momento do modelo de compressão lexical, parecem ser os aportes de Soledade, Simões Neto e Lopes (2017) os mais burilados e sistematizados, visto que, além de estabelecerem as micronarrativas etimológica e sincrônica (esta última, denominada *paráfrase*), chegam a tracejar as projeções metafóricas (ou metaftonímicas) subjacentes às mudanças semânticas operadas nos constructos do latim ao vernáculo. Em outras palavras, rastreiam o deslizamento semântico de uma micronarrativa primeva (em geral, dotada de maior concretude, maior especificidade e maior primitividade, i.e., de um caráter mais etimológico) a uma micronarrativa novel (em geral, dotada de maior abstração, maior generalidade e maior vernaculismo, i.e., de um caráter menos etimológico, mais inovador).

### **Considerações finais**

A proposta teórica de apreciação de produtos morfolexicais como micronarrativas ou cenas comprimidas em constructos léxicos, apresentada neste artigo com exemplos vários de sua aplicação a dados empíricos, parece mostrar-se proveitosa, sendo um auxílio valioso nas incursões históricas de deslindamento semântico de vozes afixadas, possibilitando até mesmo o rastreamento de cenas comprimidas de derivados cuja composição (formal e/ou semântica) já não é transparente.

Por meio das micronarrativas ou compressões lexicais, é possível perceber com maior acuidade os rumos da mudança semântica e da polissemia de uma língua histórica, fincados no uso efetivo pelos falantes da língua (i.e., frequência) e, em geral, num fluxo que parte de noções concretas, presentes na experiência físico-corpórea humana, chegando-se a outros sentidos que visam a alcançar conceitos mais gerais e abstratos, processados sob a pressão de operações metafóricas e metonímicas, associadas à experiência e ao conhecimento linguístico-enciclopédico. Assim, as primeiras formações (ou as mais prototípicas) de dado esquema construcional passam a funcionar como modelos léxicos que paulatinamente se consolidam e passam a apresentar maior robustez semântico-lexical, podendo estabelecer novos sentidos ou apresentar novos comportamentos derivacionais.

Em conclusão, consideramos que a análise de construções morfolexicais afixadas com base na concepção de micronarrativas ou de compressões léxicas parece ser interessante, por coadunar a perspectiva sociocognitiva à funcional e à histórico-diacrônica, satisfazendo-as, já que, como distingue Lopes (2016b), (i) não se finca numa visão atomística, mas sim, abrangente e conexcionista; (ii) considera tanto o morfema quanto a palavra; (iii) relaciona o conjunto formal ao conjunto semântico-pragmático-discursivo; (iv) consegue abarcar instancias de significados muito específicos, compreensíveis apenas com a consideração do uso efetivo da língua, do conhecimento pragmático e de práticas socioculturais; (v) não elimina construtos cujos segmentos mórficos tenham sido afetados por opacidade ou expletividade no devir da língua; (vi) adequa-se a uma perquirição diacrônica de irradiação polissêmica e/ou de deslizamento semântico; e (vii) dá espaço ao bosquejo da atuação de fenômenos cognitivos essenciais, como a metáfora, a metonímia e a perspectivização.

## REFERÊNCIAS

AVILA, Luciana Beatriz Bastos. Quem ri por último ri melhor: cognição e humor. *Recorte (UninCor)*, Três Corações, v. 7, p. 1-20, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/26>. Acesso em: 18 fev. 2018.

BOTELHO, Laura Silveira. Uma abordagem sociocognitiva das construções agentivas X-eiro: jardineiro, micreiro, torradeira, laranjeira, nevoeiro, bobeira. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 178-201.

\_\_\_\_\_. *As construções agentivas em X-EIRO: uma abordagem sociocognitiva*. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/BOTELHOLaura-Silveira-2004-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. A configuração da rede de construções agentivas denominais *X-ista*. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 202-228.

\_\_\_\_\_. *A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais X-ISTA: uma abordagem sociocognitiva*. 2005. 114 f. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppglinguistica/wp-content/uploads/sites/119/2009/12/CARMOCrysna-Bonjardim-da-Silva-2005-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2015.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. Fraseología y Gramática de Construcciones. *Language Design*, Barcelona, n. 18, p. 71-106, 2016. Disponível em: [http://elies.rediris.es/Language\\_Design/LD18/LD18\\_03\\_DOBROVOLSKII.pdf](http://elies.rediris.es/Language_Design/LD18/LD18_03_DOBROVOLSKII.pdf). Acesso em: 7 mar. 2018.

FILLMORE, Charles J. The mechanisms of Construction Grammar. *Proceedings of the 14<sup>th</sup> Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 35-55, 1988. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1794/0>. Acesso em: 14 jan. 2018. DOI: <https://doi.org/10.3765/bls.v14i0.1794>.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; VIALLI, Luciana Albuquerque Daltio. Abordagem construcional da reduplicação de base verbal em português. *ACTA SEMIOTICA ET LINGVISTICA*, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 115-138, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/36898/18615>. Acesso em: 8 mar. 2018.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRAS, Pedro. *Gramática de construcciones en interacción: propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español*. 2010. 581 f. Tese (Doctorado en Filología Española) – Facultat de Filologia, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2010. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/handle/2445/35049>. Acesso em: 2 dez. 2017.

LANGACKER, Ronald Wayne. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, Brygida. (ed.). *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LOPES, Mailson dos Santos. *Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos*. 2018. 2430 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura; Doutoramento em Linguística do Português) – Instituto de Letras/Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia/Universidade de Coimbra, Salvador/Coimbra, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29879>. Acesso em: 11 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016a. p. 229-259.

\_\_\_\_\_. *A compressão léxica como perspectiva de análise semântica dos derivados prefixais*. Comunicação no I Seminário Sergipano de Linguística Histórica. Faculdade São Luís de França, Aracaju, 2016b. [Mimeo].

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: IN-CM, 2008. [Vol. I]

PINHEIRO, Diego; ALONSO, Karen. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-29, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/18644>. Acesso em: 22 fev. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a18644>.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; \_\_\_\_\_. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 20-32.

\_\_\_\_\_. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, n. 1, v. 1, p. 23-39, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25385>. Acesso em: 8 mar. 2018.

SANTOS, Ana Maria Tavares dos. A rede de construções agentivas deverbais X-nte: estudante, governante, hidratante, absorvente. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 229-257.

\_\_\_\_\_. *Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais X-NTE*. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppglinguistica/wp-content/uploads/sites/119/2009/12/BOTELHOLaura-Silveira-2004-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30404>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Nival Almeida; LOPES, Mailson dos Santos. *Projeções metafóricas em micronarrativas: uma análise de derivações do português arcaico*. Comunicação no VI Congresso Internacional sobre a Metáfora na Linguagem e no Pensamento. 2017. [Mimeo].

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações  $[X_i\text{-EIR-}]_{N_j}$  no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4008/2986>. Acesso em: 15 nov. 2016. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2013.v0n0a4008>.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard; VEENSTRA, Tonjes. (ed.) *Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottEckardtProofs.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

## **Abstract**

### **Lexical compression: notes about a semantic-historical-constructive model for analysis of derived vocabules**

*In this article, we will discuss lexical compression, also known as micronarrative, a path of analytical appreciation for the content of derived words, integrated into the theoretical framework of the Construction Grammar. In this model, there is a perception of derived words as capsules of compressed semantic-lexical content; thus, for example, in a word like *doleira*, a complex of information would be compressed which, when stretched, would mean something like '(i) small bag attached to the front (of one's body), usually with a single compartment, used under clothes – especially by tourists –, as a precaution against theft of banknotes (dollars, euros, etc.), credit cards, passports or other essential goods when traveling or commuting from one place to another; (ii) a woman who trades US dollars in the parallel market'. It is an analytical proposal originated from readings and adaptations to the lexicon of Turner's lessons (1996) on the literary mind, initially applied by Botelho (2004), Santos (2005) and Carmo (2005) to the description of suffixed products in the contemporaneous Portuguese. Based on such works, Lopes (2016a, 2016b) applied for the first time the above-mentioned theoretical model for the historical-diachronic unraveling of the semantics of prefixed words – in an intercrossing between Etymology, Historical Morphology and the Construction Grammar –, following to this, there were some other studies (SIMÕES NETO, 2016; SOLEDADE; SIMÕES NETO; LOPES, 2017; LOPES, 2018), which presented more improved applications and contributions. Through revisitation to these and other works, we will outline the main topics that characterize lexical compression, presenting some examples of its application to language facts in its diachronic trajectory from Latin to archaic and modern Portuguese.*

**Keywords:** *Morfolexical semantics. Derivation. Construction Grammar. Lexical compression.*